

Fichamento 1 - UM NOVO MAPA DA INDÚSTRIA NO BRASIL, DE 1995 A 2015

Introdução

No capítulo “Um novo mapa da indústria no Brasil, de 1995 a 2015”, os autores apresentam a motivação de analisar como se deram as transformações territoriais da indústria brasileira no período pós-redemocratização. Partindo do pressuposto de que as aglomerações industriais tradicionais vêm sofrendo processos de dispersão e reagrupamento, o estudo tem como objetivo principal mapear as Aglomerações Industriais Relevantes (AIRs) e potenciais (AIPs), comparar sua evolução com o período 1970–1991 e identificar vetores de desconcentração e expansão regional do emprego industrial (MONTEIRO NETO; SILVA; SEVERIAN, 2021).

Desenvolvimento

Para tanto, utiliza-se como unidade de análise as microrregiões do IBGE, definindo-se AIRs aquelas com pelo menos 10 000 empregos industriais formais e AIPs, de 1 000 a 9 999 empregos (MONTEIRO NETO; SILVA; SEVERIAN, 2021). Os dados de emprego, abrangendo setores extrativo e de transformação, foram extraídos da RAIS/ME para os anos de 1995, 2000, 2005, 2010 e 2015, permitindo o cálculo das taxas geométricas de crescimento anual em cada microrregião. As microrregiões foram agrupadas em tipologias inspiradas em Diniz & Crocco (1996), possibilitando comparações espacialmente consistentes (MONTEIRO NETO; SILVA; SEVERIAN, 2021).

Os resultados mostram que o número de AIRs quase dobrou, passando de 85 em 1995 para 160 em 2015, concentrando cerca de 84 % do emprego industrial nacional. Observou-se uma desaceleração média do crescimento anual nessas AIRs — de 3,5 % no período 1970–1991 para 1,88 % em 1995–2015 — ao mesmo tempo em que cresceu a variabilidade desse desempenho, com algumas regiões tradicionais (por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro) registrando retração absoluta (MONTEIRO NETO; SILVA; SEVERIAN, 2021).

Os autores identificam um processo que denominam “desconcentração concentrada”: embora haja expansão do polo sudeste para o Centro-Oeste e o interior do Sul, não se observa dispersão significativa para o Norte ou o interior do Nordeste. Ademais, destacam o surgimento de novos polos de alto crescimento (Grupo I), como Macaé, cuja taxa anual ultrapassou 9 % no período analisado (MONTEIRO NETO; SILVA; SEVERIAN, 2021).

Conclusão

Conclui-se que, apesar de existirem indícios de desconcentração — principalmente em direção ao Centro-Oeste e ao Sul interiorizado —, persistem

fortes forças aglomerativas no sudeste, que continua respondendo pela maior parte do emprego industrial. Essa manutenção de disparidades regionais, ainda que em leve declínio no peso relativo (de 65 % para 53,6 % do emprego em AIRs), aponta para a necessidade de investigações adicionais sobre fatores institucionais e territoriais que limitam uma dispersão mais ampla. Os autores sugerem aprofundar o estudo das políticas públicas e dos marcos regulatórios que influenciam esses vetores de desconcentração (MONTEIRO NETO; SILVA; SEVERIAN, 2021).

Referência bibliográfica

MONTEIRO NETO, Aristides; SILVA, Raphael de Oliveira; SEVERIAN, Danilo. Um novo mapa da indústria no Brasil, de 1995 a 2015. In: MONTEIRO NETO, Aristides (org.). *Brasil, Brasis: reconfigurações territoriais da indústria no século XXI*. Brasília: Ipea, 2021. p. 235–254.